

O APROVEITADOR



VOLUME 1
A POEIRA E A TEIA



DA POEIRA AO INFINITO.
NADA SE PERDE. TUDO ENSINA.



L. G. LOURENOC



POEIRA VIVA

O APROVEITADOR

VOLUME I

A POEIRA E A TEIA

AMOSTRA GRATUITA OFICIAL

L. G. LOURENOC

POEIRA VIVA

ANTES DE ENTRAR

Esta amostra reúne o Prólogo, a Primeira Parábola e o Capítulo 1 de O APROVEITADOR — Volume 1: A Poeira e a Teia.

Aqui começa a história de Télos Ficté: um homem marcado por uma ferida que não oferece sentenças, mas transforma cada dor em pergunta, memória e caminho.

Leia sem pressa. Nesta obra, a poeira, a água, a serpente e o silêncio não são apenas imagens. São formas de o mundo devolver ao observador aquilo que ele ainda não aprendeu a nomear.

“Chamaram-no de aproveitador. Ele aproveitou a dor.”

PRÓLOGO

O homem que cheirava diferente

Onde se narra o estranho caso de uma ferida que não tinha cheiro algum, embora cada pessoa jurasse sentir nela aquilo que escondia dentro de si

Nunca descobriram ao certo quando aquele homem começou a aparecer na velha estação.

Alguns juravam vê-lo havia vinte anos. Outros diziam que ele sempre estivera ali. Sentava-se no mesmo banco de madeira, com o mesmo chapéu gasto e um caderno escuro sobre os joelhos.

Não parecia mendigo, santo ou louco. Parecia alguém que atravessara muitas coisas e, por algum motivo, continuava entre os que ainda tentavam partir.

O curioso era que ninguém permanecia muito tempo ao seu lado.

Não porque ele ameaçasse, pedisse dinheiro ou falasse sozinho.

Era outra coisa.

Uns sentiam um cheiro insuportável. Outros juravam respirar o perfume mais bonito que já haviam conhecido.

Um médico falou em sangue antigo. Um lenhador reconheceu madeira recém-cortada. Uma mulher grávida disse sentir leite morno. Um vendedor de relógios afastou-se reclamando de ferrugem.

Nunca houve acordo.

Naquela manhã, uma menina de aproximadamente sete anos soltou a mão da mãe e caminhou até o banco.

Observou o chapéu, o caderno, os olhos e a cicatriz que desaparecia sob a camisa de linho.

Depois sorriu.

— O senhor cheira igual quando começa a chover no sítio do meu avô.

O homem ergueu a cabeça.

A mãe correu e puxou a menina pelo braço.

— Perdão. Ela ainda é criança.

— Mas é verdade, mãe. Cheira a terra molhada.

A mulher olhou para o estranho e empalideceu.

— Eu só sinto podridão.

A menina franziu a testa. Como duas pessoas podiam respirar o mesmo ar e encontrar mundos tão diferentes?

O homem não respondeu.

Pouco depois, um velho de cabelos brancos parou diante do banco, respirou fundo e começou a chorar.

— Meu pai. Faz cinquenta anos que morreu. Era esse cheiro: madeira, resina, sol. Fechou os olhos por um instante e seguiu viagem levando consigo uma parte da infância.

Ao meio-dia, um empresário de terno impecável sentou-se ao lado do estranho. Levantou quase imediatamente.

— Como permitem alguém assim aqui?

Foi embora como quem tentava escapar de algo maior do que o banco.

O homem abriu o caderno e escreveu: O cheiro nunca foi meu. Fechou o caderno e passou a mão sobre a cicatriz.

Do outro lado da estação, um rapaz com livros de filosofia debaixo do braço observava tudo.

Gostava de estudar como as pessoas andavam, mentiam, escondiam medo e procuravam aceitação. Naquele dia, porém, suas anotações não explicavam nada. Esperou o homem levantar e o seguiu por alguns passos.

— Senhor, posso fazer uma pergunta?

O estranho parou.

— Por que cada pessoa sente um cheiro diferente perto do senhor?

— Minha ferida não tem cheiro.

— Então de onde vem?

O homem olhou a multidão: gente partindo, chegando, rindo, cansada, sem saber para onde voltar.

— Talvez nem tudo que alguém encontra no outro tenha começado no outro.

O rapaz apertou os livros contra o peito.

— Então o senhor sabe o que cada pessoa esconde?

— Não.

A resposta veio sem solenidade.

— Sei apenas que uma sensação não é sentença. Nem sobre mim. Nem sobre quem a sente.

O jovem respirou fundo. Por um instante, percebeu folhas molhadas depois da chuva.

— Isso significa alguma coisa?

O homem ajeitou o chapéu.

— Pode significar. Pode ser apenas o vento.

E continuou caminhando.

O rapaz ficou na plataforma, com o caderno fechado pela primeira vez naquela manhã.

O mundo chamaria aquele homem de Aproveitador.

Não porque explorasse pessoas, mas porque aprendera a impedir que a dor tivesse a palavra final.

PARTE I

A POEIRA

A Primeira Parábola

Do pássaro que construiu perto da terra

Conta-se que, muito antes dos homens erguerem cidades, existia um pequeno pássaro que nunca construía o ninho sobre os galhos mais altos.

Os outros riam.

— És medroso.

— Nunca verás o mundo lá de cima.

— Nasceu com asas e escolheu morar perto do chão.

O pequeno pássaro não respondia. Apenas continuava seu trabalho. Escolhia galhos baixos. Folhas firmes. Raízes expostas.

Fibras secas. Barro úmido. Construía devagar. Construía ouvindo a terra. Então vieram os ventos.

Não ventos comuns, desses que apenas dobram capim.

Vieram ventos antigos. Ventos que arrancavam nomes das portas.

Ventos que levavam telhados, ninhos, promessas e tudo aquilo que havia sido construído apenas para parecer alto.

Os grandes ninhos foram levados. O do pequeno pássaro permaneceu. Quando a tempestade passou, um velho carvalho perguntou:

— Como sabias que ela viria?

O pássaro respondeu:

— Eu não sabia. Apenas aprendi que quem constrói apenas para o céu esquece de conversar com a terra.

Desde então, dizem os antigos:

Toda raiz humilde suporta ventos que o orgulho jamais compreenderá.

CAPÍTULO I

A poeira vermelha

Onde se conta como Télós Ficté nasceu entre águas cristalinas, galinhas inquietas e uma poeira que um dia lhe ensinaria a levantar

Antes que o mundo o chamasse de Aproveitador, ele era apenas um menino correndo descalço entre a poeira vermelha e as águas cristalinas do Vale da Lenha.

Naquela parte do mundo, o tempo não era medido por relógios.

Era medido pelo canto dos galos.

Pela sombra das mangueiras.

Pela fumaça que saía das chaminés ao amanhecer.

Pelo som do machado entrando na madeira.

E pelo brilho das águas que nasciam entre pedras antigas, tão transparentes que as crianças acreditavam enxergar o fundo do céu.

Chamava-se Vale da Lenha.

Quem nascia ali aprendia cedo que a terra não dava nada de graça.

Mas também aprendia outra coisa:

a terra nunca negava resposta a quem tivesse paciência de escutar.

Foi ali que nasceu Télós Ficté.

Seu pai, Elias Ficté, era lenhador e carpinteiro.

Conhecia a idade das árvores pelo toque das mãos.

Antes de cortar qualquer tronco, permanecia alguns segundos em silêncio, como se pedisse licença a algo que os outros não viam.

Dizia que nenhuma madeira era inútil.

Algumas apenas ainda não tinham encontrado o lugar certo para servir.

Sua mãe, Rosa Ficto, falava pouco. Preferia ensinar trabalhando.

Enquanto lavava roupa no riacho, plantava, fazia pão, costurava ou varria a casa, deixava escapar frases que pareciam simples demais para serem guardadas.

Télós só descobriria muitos anos depois que passaria a vida inteira tentando compreendê-las.

Naquele tempo, ele não era diferente das outras crianças. Corria. Caía. Ria. Subia em árvores.

Voltava para casa coberto de barro.

Acreditava que o mundo terminava depois das últimas pedras do vale e que tudo além dali era apenas invenção dos adultos para assustar meninos curiosos.

Até que um dia caiu de joelhos diante da mãe.

A queda não foi grande.

Mas, para uma criança, toda queda parece o fim de alguma coisa.

O sangue escorria lentamente pela canela. A poeira grudava na pele molhada. Télos abriu o choro. Esperava colo. Esperava pena.

Esperava que a mãe dissesse que o chão havia sido cruel.

Rosa apenas se abaixou. Sacudiu delicadamente a poeira de suas pernas. Olhou para ele com firmeza e ternura. Então disse:

— A poeira não nasceu para morar em você.

Limpou o restante com a ponta do avental. Depois completou:

— Sempre que cair, bata a poeira e siga. Não espere que o mundo venha levá-lo.

O menino enxugou as lágrimas. Naquele instante, não compreendeu. Nenhuma criança compreenderia.

Mas certas frases não precisam ser entendidas no dia em que chegam.

Algumas entram no corpo em silêncio e esperam a primeira grande ruína para revelar o que queriam dizer.

Nos dias seguintes, Télos continuou observando o rio e o pequeno galinheiro do pai.

Elias não lhe entregava conclusões; entregava coisas que resistiam à pressa. A água procurava passagem. A galinha, cuidada, deixava um ovo onde antes não havia nada.

O menino ainda não sabia, mas voltaria a ambas.

À noite, quando o céu se enchia de estrelas, a avó costumava contar histórias.

Não dizia de onde vinham. Talvez as tivesse ouvido do pai. Ou do avô do pai. Talvez fossem mais antigas que todos eles. Falava de um rio que guardava memórias.

De uma serpente que mudava de pele, mas nunca de essência.

De uma biblioteca sem paredes, onde as verdades iam morar quando os homens queimavam os livros.

E de um homem ferido que jamais conseguia fechar a própria cicatriz, porque cada dor lhe ensinava algo que o mundo ainda precisaria lembrar.

Télos escutava fascinado. Perguntava:

— Isso aconteceu de verdade?

A velha sorria.

Como fazem todos os bons contadores de histórias.

— Depende.

— Depende do quê?

— Do tamanho da tua coragem para acreditar.

Naquela noite, antes de dormir, Télos saiu de casa. Sentou-se sobre uma pedra próxima às águas cristalinas. O vale estava quieto. As galinhas dormiam. O vento passava baixo entre as folhas.

O menino olhou o próprio reflexo. O rio devolveu a imagem de uma criança comum. Magro. Descalço. Com poeira nos pés.

Mas, por um breve instante, teve a estranha impressão de que alguém o observava do outro lado da água.

Não era um adulto. Não era uma criança. Não era exatamente um rosto.

Era como se a água tivesse se lembrado de alguém antes dele.

Télos piscou.

Não havia nada.

Apenas o reflexo das estrelas.

Voltou para casa sem contar a ninguém.

Há encontros que a infância guarda em silêncio porque ainda não conhece palavras capazes de explicá-los.

E talvez seja por isso que certas histórias demorem uma vida inteira para começar.

VOCÊ CHEGOU AO COMEÇO

A jornada completa continua em O APROVEITADOR — Volume 1: A Poeira e a Teia.

Télos ainda atravessará a serpente, Auristela, o conhecimento, o amor que apaga, os manuscritos desaparecidos, a queda da casa e o nascimento da Teia Viva.

Conheça a edição completa e acompanhe os próximos volumes da saga.

poeiraviva.com

L. G. LOURENOC • POEIRA VIVA